

As mulheres retratadas por Maria Peregrina de Sousa, no periódico *Íris* (1848-1849), do Rio de Janeiro

Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes (*)

Palavras iniciais

Assim se carpia aquela,
Que rivais não merecia;
Não havia outra tão bela,
Outra de tanta valia:
Do homem o coração
Nem sempre o guia a razão.
(in "Bathilde", de Maria Peregrina de Sousa)

A principal proposta do presente trabalho foi analisar um periódico luso-brasileiro do século XIX identificando o modo como eram vistas as culturas, brasileira e portuguesa, de seu tempo e também os valores críticos que escondem e silenciam a voz feminina, de forma a negar-lhes o reconhecimento fora do ambiente familiar. Buscou-se perceber a relação entre sociedade e ficção – compreendemos aqui ficção como trabalho literário em geral – numa perspectiva dialética, procurando evidenciar os discursos dos intelectuais que publicavam nas páginas dos periódicos sobre questões culturais que atravessavam aquele momento de produção. A partir dessa perspectiva, há o fortalecimento do tema da sociabilidade com a valorização do impresso como escrita de uma história cultural. Apesar do papel desses periódicos no sistema literário e cultural da língua portuguesa do século XIX, seu estudo ainda não foi sistematizado. Há poucas análises realizadas sobre a imprensa criada pelos portugueses do Rio de Janeiro.

O desenvolvimento da pesquisa enfocou o material existente no acervo do Real Gabinete Português de Leitura e no periódico *Íris*, disponibilizado integralmente na

(*) Mestrando em Letras – Língua Portuguesa (UERJ), membro do grupo de pesquisa Estudos Linguísticos, Multiletramentos e Ensino de Português (ELMEP), licenciado em Letras – Português e Literaturas (UFRRJ).

Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Fez-se uma catalogação da produção literária encontrada no periódico analisado, identificando sua localização dentro da revista e seus autores. Em seguida, realizou-se pesquisa e leitura da crítica existente sobre tal assunto para o desenvolvimento deste artigo, dando maior atenção à produção feminina por ser uma constante nessa revista e pouco existente em outros periódicos da época.

Tal como indica a estrofe do poema "Bathilde", publicado no *Íris*, percebe-se na escrita de Maria Peregrina de Sousa uma crítica à situação das mulheres, que têm na sociedade e nos homens não guiados pelo coração rivais que as fazem sofrer.

A imprensa no Brasil durante a primeira metade do século XIX

A imprensa só foi estabelecida oficialmente, no Brasil, no ano de 1808 com a chegada da família real portuguesa à colônia. Com isso, portanto, podemos dizer que “em relação à Europa ou mesmo às outras partes das Américas, os papéis impressos surgem mais tarde” (MOREL, 2013, p. 23), tendo as tipografias surgido no continente europeu durante o século XV e nas Américas – inglesa e espanhola – no século XVI.

Apesar de existirem, antes de 1808, escritos impressos de autores nascidos em terras brasileiras (mais de trezentos), sendo estes textos sobre diversos assuntos, somente quando a corte portuguesa chega ao país, instala-se no Brasil a primeira tipografia, trabalhando de forma censurada pelo poder eclesiástico e também pelo civil. A imprensa brasileira publicou o seu primeiro periódico em junho desse mesmo ano, o qual recebeu o nome de *Correio Braziliense*, “referindo-se ao Brasil como império e tornava-se pioneiro em trazer tal denominação a imprensa” (MOREL, 2013, p. 29). A partir desse momento, começaram a surgir muitos outros periódicos no território brasileiro: *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808), *Sentinela da liberdade* (1823), *Aurora Fluminense* (1827-1839), entre outros publicados durante o período do Brasil colônia e do primeiro reinado.

Em decorrência da independência da colônia, o estilo dos periódicos e a forma de escrever dos autores começaram a mudar, tornando-se mais “nacionalista”. A partir do segundo reinado, novos periódicos começam a surgir no país dando maior importância e espaço em suas páginas à história, à arte, à literatura, à moda, etc., diversificando os gêneros e o público, além de que alguns desses jornais começaram a apresentar ilustrações que acompanhavam as técnicas desenvolvidas na Europa. *O Espelho das Belas* (1841), *O Cometa*

(1843-1844), *A estrela* (1843-1844), *Minerva Braziliense* (1843-1845), *Íris* (1848-1849) são títulos importantes desse período.

Um gênero literário que era muito publicado nesses periódicos era o folhetim que surgiu na França, por volta de 1830, o qual carregava o arquétipo da civilização francesa e tinha um local determinado nas páginas destes periódicos (CATANELI, 2013). Em geral, o rodapé da primeira página consistia num espaço vazio destinado ao entretenimento. O que nos leva a perceber que

o folhetim, enquanto espaço físico do jornal, aceitava tudo. Qualquer coisa que se fizesse entender a partir de signos linguísticos poderia obter um lugar no feuilleton. Com o tempo, esse termo, bastante abrangente, foi ganhando outra conotação. Muitos cronistas, no entanto, confundiam o espaço do folhetim com aquilo que ele trazia. (CATANELI, 2013, p. 169)

O folhetim, que se origina como um espaço vazio que era preenchido por diversos textos, passa a ser preenchido por textos literários e a fazer sucesso, o que leva o termo a designar os textos que eram publicados nesse espaço e gera o romance de folhetim, pois "Os romances publicados em capítulos no rodapé do jornal tornaram-se largamente consumidos e isso fez com que o folhetim ganhasse mais espaço e adentrasse o jornal" (CATANELI, 2013, p. 169). Nos periódicos brasileiros, esses textos começaram a tomar outros lugares nas páginas dos jornais, Cataneli (2013, p. 169) afirma que esse gênero

foi adaptando-se ao clima local, sem perder os aspectos de origem, como a destinação às escrituras diversas, que variavam de receitas culinárias, charadas até anúncios de compra e venda. Nesse espaço, cuja intenção era a de entreter e divertir o leitor cabia também as narrativas em série e, é claro, o relato das notícias da semana, contadas de forma leve e individual.

Um periódico que se dispôs a publicar folhetins no Brasil foi o *Íris*, que foi editado pelo português José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (1810-1879). Sobre os periódicos fundados por portugueses, no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1830 e 1890, Eduardo da Cruz (2014, p. 28) comenta:

Percebe-se, nessas folhas, nos textos literários nelas publicados, o desejo de dar voz a uma experiência de imigrante numa terra que não é a sua. Mas, sobretudo, sobressai o desejo de modificar a imagem tradicional do português caixeiro, pobre, sem instrução ou erudição. São sujeitos que não podiam deixar de trabalhar, mas que aproveitavam esse "amplo espaço de socialização", a colônia lusa no Rio, não apenas para se tornarem profissionais melhores, mas para desenvolverem uma certa veia artística.

O *Íris*, por outro lado, procurava mais do que ser um órgão da colônia portuguesa no Rio de Janeiro, mas associar brasileiros e portugueses de modo a aproximá-los culturalmente.

O *Íris*

O título *Íris* faz referência à deusa homônima da mitologia grega que é a deusa do espírito e “simboliza o arco-íris e, de modo geral, a união entre a terra e o céu, entre os deuses e os homens, que o arco-íris torna visível” (GRIMAL, 1997, p. 253). É a mensageira dos deuses. Por onde ela passava, deixava um rastro luminoso e colorido, fazendo jus ao nome do periódico. Era uma referência à cultura clássica pela importância da sua representatividade, o arco-íris.

Essa representação acabava incidindo na ligação que havia entre Portugal e Brasil. Como uma das propostas do periódico era aproximar os países, cultural e literariamente, esse nome cria uma metáfora em que “a revista seria um arco luminoso através do mar e unindo Brasil e Portugal” (LOPES, 1978, p.43). O *Íris* foi fundado por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, sendo este:

[...] cognominado no meio jornalístico e literário ora por Castilho José, ora por José Feliciano de Castilho, era irmão do poeta Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), um dos personagens centrais do Romantismo em Portugal. Chegando ao Rio de Janeiro em 1847 e aí vivendo até 1879 – quando veio a falecer [...] *Era polígrafo, tendo atuado como jornalista, filólogo e tradutor de latim. [...] o filolatinista Castilho José contribuiu ao lado de Simoni, Ramiz Galvão e Cardoso de Meneses para a divulgação da literatura clássica no Segundo Reinado.* (VIEIRA, 2009, p.127, grifos nossos)

Percebe-se, com isso, que Castilho José tornou-se muito importante aos círculos literários da corte brasileira, em decorrência da grande influência de sua família e de seus dotes vernáculos, além do fato de que o imperador D. Pedro II valorizava os saberes clássicos (VIEIRA, 2009). Castilho José também foi tradutor e divulgador de literatura clássica no Império, estreitando as relações entre literatos da antiga colônia com Portugal. Em 1848, José Feliciano de Castilho funda o periódico *Íris* com o subtítulo “Periódico de Religião, Belas Artes, Ciências, Letras, História, Poesia, Romance, Notícias e Variedades” (IRIS, 1848, capa). No primeiro volume do *Íris*, Castilho José escreve um texto introdutório falando da

importância da imprensa e das mudanças que esta trouxera à sociedade. Nesse prefácio editorial, Castilho expõe as propostas e objetivos do *Íris*:

[...] *É o nosso principal fim tornar ainda mais conhecida na Europa a sociedade e a natureza brasileira, e vice-versa.* Serão portanto, acolhidas sempre com gratidão as comunicações de quaisquer acontecimentos sociais ou naturais, e de memórias, contendo a descrição topográfica, histórica, geológica, botânica, ornitológica, zoológica, médica, poética, religiosa etc. [...].

Possa ser o novo Íris variado e brilhante em cores, como o que adorna o firmamento; e em vez de imitar a Íris filha de Mineo, que os deuses transformaram em morcego, e a sua teia em hera, possa merecer as honras e o amor que alcançou a outra Íris, a filha de Taumante, a mensageira de Juno. (IRIS, 1848, p. 4, grifos nossos)

Dessa forma, Castilho José termina o texto que inaugura o *Íris* com uma clara referência à cultura clássica. A partir de então, a revista passa a ser publicada quinzenalmente durante todo o ano de 1848 e o primeiro semestre de 1849. Em todo esse espaço de tempo, o *Íris* deu conta da proposta que foi colocada no prefácio redigido por José Feliciano de Castilho; tendo publicado em suas páginas 129 textos de gêneros literários como contos, romances, cháticas, poesias etc., de diversos autores brasileiros e portugueses. Entre os brasileiros, destacam-se Antônio Gonçalves Dias, o Marquês de Maricá, Araújo Porto Alegre e, entre os portugueses, António Feliciano de Castilho, José da Silva Mendes Leal, Maria Peregrina de Sousa e o próprio Castilho José.

No número do *Íris* do dia trinta de junho de 1849 saiu uma nota com o título “Aos Leitores do *Íris*”, redigida por seu diretor, Ricardo Augusto da Costa Leiros, anunciando que essa edição, que finalizava o primeiro semestre daquele ano, seria a última do periódico, pois “[...] *circunstâncias particulares privam por algum tempo o seu principal redator de consagrar-lhe as atenções,* que a benevolência do público tinha direito de exigir” (LEIROS, 1849, p.288, grifos nossos).

Percebe-se que o afastamento de seu redator, José Feliciano de Castilho, foi a causa da suspensão da publicação. Ricardo Leiros continua o seu texto expressando a sua satisfação com o cumprimento dos propósitos da revista e esclarecendo que muitos autores tiveram a sua competência expressa por meio das linhas do jornal, alguns, até então, pouco ou nada conhecidos:

Julga a redação haver cumprido as obrigações de seu programa. Grande número dos distintos escritores do Brasil e de Portugal honraram estas

colunas com as suas produções. *O gênio de não poucos brasileiros, ainda desconhecidos na república das letras, foi também revelado aqui, por escritos de real mérito e vastas esperanças.* [...] Nem uma vez, no decurso da existência deste repositório, negou-se justiça à briosa nação, que prodigalizou-nos tão nobre acolhimento, ou baixou-se à mínima personalidade. (LEIROS, 1849, p.288, grifos nossos)

Em seguida, o diretor tece agradecimentos aos participantes da imprensa que apoiaram toda a redação do *Íris* e pede a compreensão de alguns leitores com os quais esta teve de sustentar alguma polêmica e também expressa sua estima pela consideração dos assinantes do jornal. O dirigente do jornal expressa a sua gratidão ao público e atribui o sucesso de seus números aos escritores que o acompanhavam, assim profere “*votos de gratidão sincera e profunda aos nossos distintos colaboradores. A eles o Íris deveu o brilho de suas páginas; a eles o lugar importante, que esta publicação ocupou. Essa coadjuvação foi sempre constante, ativa, desinteressada, e pelo público, tida no devido apreço*” (LEIROS, 1849, p. 288, grifos nossos).

Por fim, o diretor encerra as publicações do *Íris*, e depois explica que os volumes disponíveis poderiam ser adquiridos separados ou em coleção. Por esse texto, depreende-se que ele era bem acolhido pelos literatos, pois ainda possuía manuscritos a publicar. O texto, contudo, não deixa claro se seriam de colaboradores brasileiros ou portugueses, mas que José Feliciano de Castilho não poderia mais continuar como redator, sem mais explicações, Leiros menciona que “muitos manuscritos ainda ficam em nossa pasta à disposição dos seus autores; ou para os publicarmos quando houvermos de incerta nova série, ou para os restituirmos. Lamentamos que interessantes obras fiquem trancadas; e faremos o possível para remover este inconveniente” (LEIROS, 1849, p.288).

Durante o tempo que circulou, o *Íris* sempre abriu o espaço das páginas de sua revista para publicações femininas, num momento em que as escritoras não tinham voz e possuíam pouquíssimos direitos. Acredita-se que essa atitude do redator se deu por conta da influência do irmão, António Feliciano de Castilho, que, em Portugal, cedia espaço para as autoras e lutava por mais direitos para as mulheres, como comenta Cruz (2013, p. 277) ao analisar a participação de António Feliciano na imprensa:

[...] vemos Castilho lutando por mais espaço para a participação feminina no meio cultural e político, inclusive propondo seu direito a voto, numa sociedade eminentemente machista e conservadora. Acompanhando o longo processo de emancipação feminina, vemos que não foi pouco abrir lugar em seus periódicos para que mulheres publicassem.

Por ocasião dessa luta por direitos e liberdade feminina, escolhemos, dentre os autores que publicaram no *Íris*, falar um pouco mais sobre Maria Peregrina de Sousa com o objetivo de identificar qual era a situação da mulher oitocentista e como ela era retratada na literatura produzida por mulheres no século XIX. Apesar do jornal estudado ter aberto espaço para que as mulheres pudessem publicar seus textos, poucas foram as que venceram as barreiras impostas pela sociedade e enviaram suas produções.

A que mais se destacou nessas publicações foi Maria Peregrina de Sousa, com dez textos publicados na revista, por isso foram escolhidos dois textos que ela publicou nesse periódico para nos determos neste artigo. Além de Peregrina, que assina seus textos com o próprio nome ou sob o pseudônimo de Mariposa, a revista luso-brasileira também publicou Antónia Gertrudes Pusich e, provavelmente, mais uma escritora, ainda com nome oculto, assinando apenas como "uma dama portuense".

A mulher no século XIX

Ao buscarmos informações sobre as mulheres no século XIX, encontramos uma mulher submissa e sem direitos, pois a ela cabia o papel de esposa e mãe, sendo “comparada a um menor, sem direitos políticos, estava sempre à sombra e dependência de um homem” (MARIANO, 2015, p. 18), pois “a mulher ideal deveria ser submissa ao homem, e deveria ainda ser modesta, pura e educada” (RAMOS e outros, 2013, p. 2). Além disso, naquela época, as mulheres não tinham direito à educação formal, apenas poucas conseguiam acesso a algum tipo de ensino.

Ribeiro (1996, p. 26) explica que “o Ensino Feminino durante o Segundo Império era visto, de uma maneira geral, com pouco interesse pelo governo monárquico. O ensino secundário público era dirigido, apenas, aos discentes do sexo masculino e restringia-se ao sistema de ensino parcelado”. Em Portugal, a situação não era muito diferente, como afirma Irene Vaquinhas (2005, p. 36):

O não reconhecimento da mulher como ser juridicamente autônomo, só existindo enquanto elemento de um agregado familiar, ou seja, como esposa, mãe ou filha, sem direitos políticos e estatuto econômico próprio, excluiu-a dos poderes formalmente constituídos com reflexos ao nível dos registros primários. Para as instituições oficiais, as mulheres praticamente não existiam, traduzindo-se esta invisibilidade na opacidade das fontes.

Essas mulheres tinham acesso à educação por meio do que elas aprendiam em casa, e por isso também não podiam ter acesso ao ensino superior (o que só acontecerá, em Portugal, mais para o fim do século XIX), porém, aos poucos, elas foram conquistando espaço e acesso à educação. A principal justificativa para esta conquista era que elas, enquanto mães, seriam as primeiras educadoras de seus filhos e, com educação, poderiam gerenciar melhor a casa; dessa forma, as mulheres ficavam apenas com os papéis que se acreditavam pré-determinados, biologicamente, a elas, papéis estes que se restringiam a esposa, mãe, filha ou irmã. Nesse sentido, Anastácio (2005, p. 430) afirma que “as mulheres viviam em situação de verdadeira clausura doméstica, confinadas a uma parte da casa, podendo apenas sair para assistir à missa ou às cerimônias religiosas, sempre acompanhadas”.

Contudo, ainda na primeira metade do século XIX, algumas mulheres começaram a se destacar como escritoras, como é o caso de Maria Peregrina de Sousa e de outras acolhidas no periódico de José Feliciano de Castilho (CRUZ, 2013). Segundo Anastácio (2005, p. 430-1):

A mudança de atitude em relação ao convívio entre os sexos, que não deixou de ter, como é natural, opositores, foi atribuída pelos contemporâneos à perturbação da ordem social gerada pelo terramoto, ao maior afluxo de estrangeiros que se verificou na viragem do século e a um maior conhecimento das «modas» de outros países, nomeadamente da França.

Podemos observar que “há mulheres-autoras que adquirem grande projecção, não só pelo talento que os contemporâneos lhes reconhecem mas, também, pelo papel «aglutinador» que desempenharam, reunindo à sua volta escritores, pensadores e personalidades ligadas ao poder” (ANASTÁCIO, 2005, p. 431). Mesmo assim, pouca coisa do que elas escreveram chegaram até a atualidade, seja por não ter sido publicado em livro ou por simples ocultação desses escritos nas histórias da literatura.

Com isso, vemos que “o espaço físico conferido às escritoras, as páginas que lhes são dedicadas nas histórias da literatura portuguesa, é mínimo” (SILVA, 2014, p. 20), o que, muitas vezes, silenciava e silencia a presença da mulher na literatura. Assim, essas mulheres que se destacaram como escritoras sofreram com críticas e represálias de várias formas, inclusive de muitos intelectuais da época. Por esse motivo, tiveram muitas barreiras a transpor para publicarem os seus escritos. Segundo Mariano (2015, p. 20):

Mesmo essas mulheres pioneiras esbarravam em um obstáculo muitas vezes difícil de transpor: o preconceito. Vemos, no Portugal de oitocentos, espaços bem delimitados e que caracterizavam os dois sexos. Aos homens, o espaço público das câmaras e das redações, e, às mulheres, o espaço privado dos

afazeres domésticos. As mulheres que ousavam assumir outros papéis além dos que lhes cabiam (filha, esposa, mãe) eram vistas de maneira pejorativa, pois estariam contrariando a ordem natural da sociedade. Uma escritora, uma intelectual era tida como —sabichona [...] o temor geral era que essas mulheres se masculinizassem.

Esta era uma situação que se refletia também no Brasil à época, pois a ideia de que a mulher não deveria se introduzir no meio intelectual era algo que a ex-colônia, com forte traço patriarcal, carregava de sua antiga metrópole. Todavia, assim como António Feliciano de Castilho começou a quebrar esse paradigma em Portugal, ao abrir as páginas da *Revista Universal Lisbonense* para a publicação dos escritos de mulheres, quando foi o redator desse periódico (1842-1845). No Brasil, seu irmão, José Feliciano de Castilho começou o mesmo árduo trabalho ao publicar, no *Íris*, textos escritos por mulheres.

A produção literária feminina que teve um maior número de publicações em ambos os títulos citados foi a da autora Maria Peregrina de Sousa, escritora que Barbosa Lima Sobrinho (1960) inclui como uma das precursoras do conto no Brasil.

Maria Peregrina de Sousa: quebrando barreiras e atravessando fronteiras

Maria peregrina de Sousa foi uma autora de grande importância para o movimento que deu voz às mulheres de seu tempo, é nesse sentido que Comandulli (2014, p. 209) afirma que

Maria Peregrina de Sousa colaborou ainda, na década de 50 do século XIX, em outros periódicos como *Aurora*, *Pirata*, *Pobres do Porto*, *Lidador*, *O Recreio das Damas* e *Restauração*. [...] Utilizou em suas publicações o já conhecido pseudônimo de “Obscura Portuense” e somou ainda o de “Mariposa”, além da identificação pelas iniciais D.M.P ou D.M.P.S.

O verbete sobre Maria Peregrina redigido por Comandulli permite-nos perceber que essa escritora foi uma conhecida romancista e poetisa no século XIX e que as suas numerosas composições, que lhe granjearam repetidos aplausos e louvores, existem disseminadas em vários jornais literários e políticos que, desde 1842 começaram a tê-la por colaboradora.

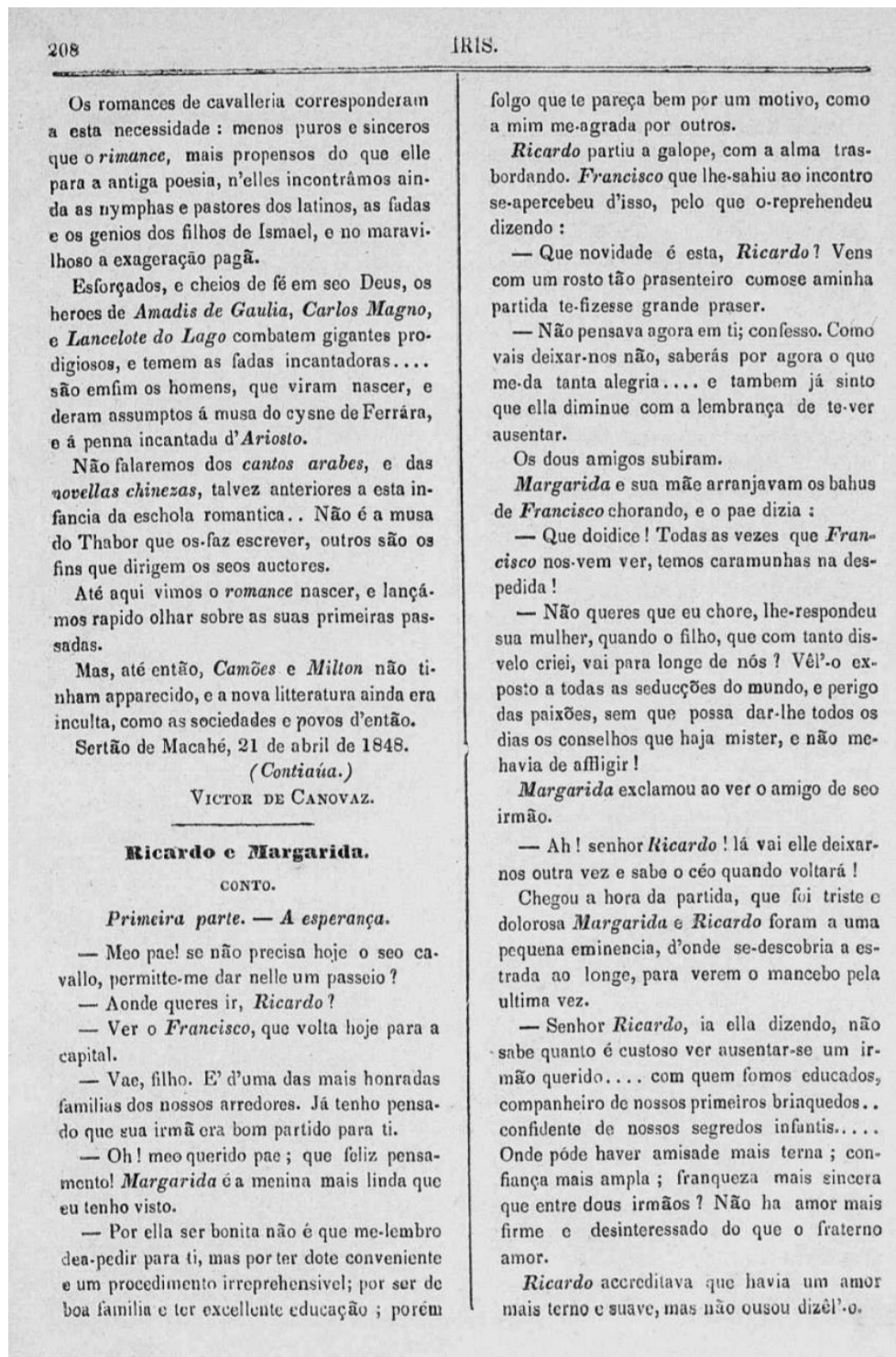
Outra coisa que se nota é o anonimato, que muitas vezes foi utilizado por Maria Peregrina de Sousa e por outras escritoras de sua época. Como nesse período as mulheres eram restritas ao círculo doméstico e educadas para este fim, o anonimato mantinha a noção de modéstia e era uma ferramenta de auto-ocultação para preservar-se, pois poucas “[...] eram as que recebiam uma instrução que lhes permitisse ir além do comportamento feminino ideal” (MARIANO, 2015, p.31).

A própria Peregrina aprendeu muita coisa de modo autodidata, através de seus esforços com leituras e estudos. Ela também manteve um contato muito forte com a família Castilho, principalmente com António Feliciano de Castilho, o que lhe rendeu uma valiosa e ampla fonte de aprendizado. Peregrina foi quebrando as barreiras criadas pelos paradigmas da época e criando fama, infiltrando-se no campo literário e ocupando espaço. Assim, como um arco luminoso e colorido, seus escritos atravessaram o Atlântico e começaram a ser publicados nas páginas do periódico brasileiro *Íris*, de José Feliciano de Castilho, no Rio de Janeiro, tornando-se neste uma colaboradora de grande destaque, como uma das que mais possuem textos publicados.

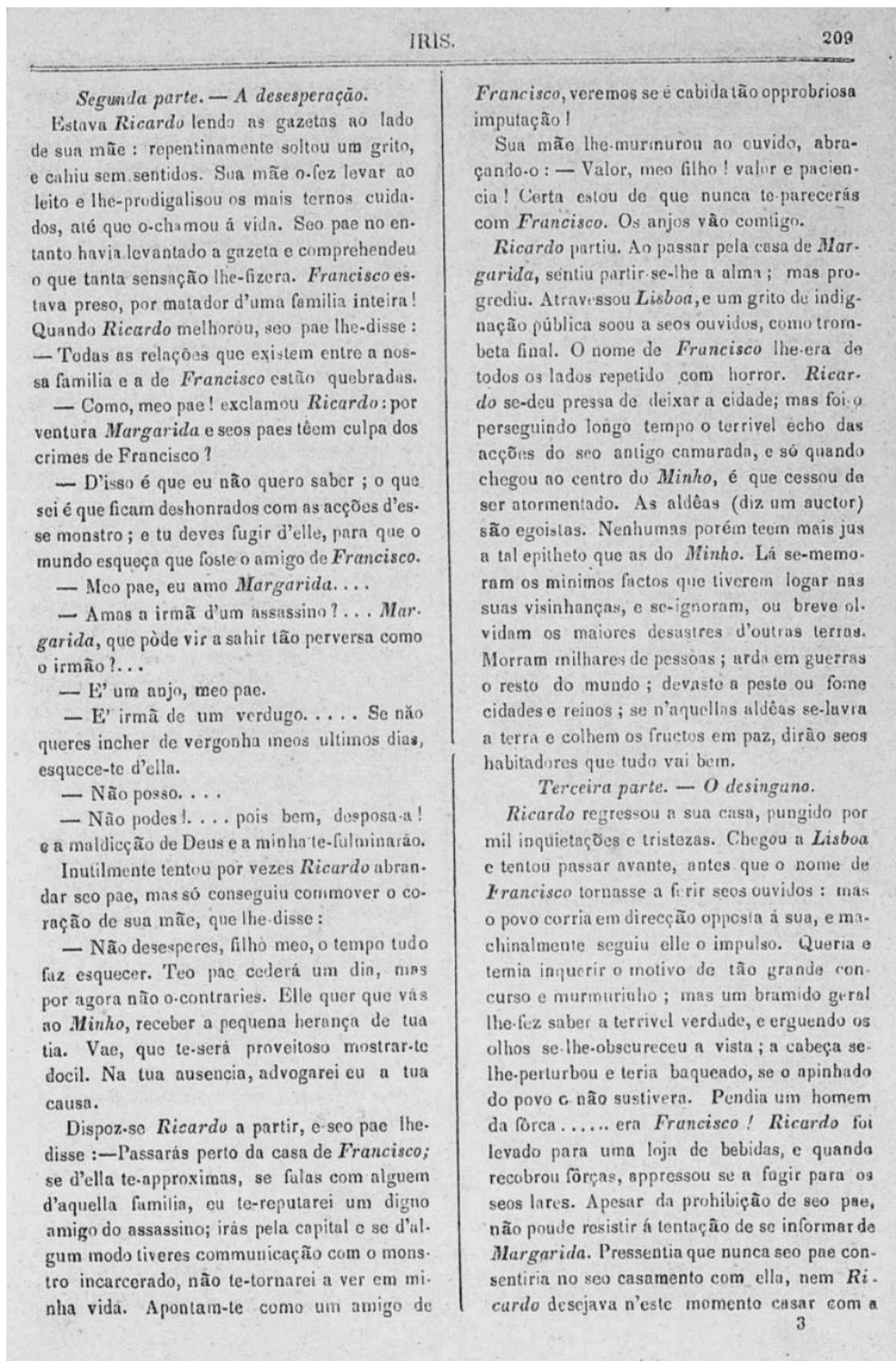
Os textos dela que encontramos no periódico são: *A Moura de Lissibone, O Cavaleiro Português, Ricardo e Margarida, Bathilda, Pépa, A Bruxa D' Aldeia, Bernardo de Carpio, O Capitão da Armada e o Gajeiro, O Passeio do Cemitério em Vão e Diálogos Familiares*. Dentre esses textos, escolhemos analisar o conto *Ricardo e Margarida*, e a chácara *A Bruxa D' Aldeia*, narrativa em versos, buscando destacar como a autora aponta em escritos de gêneros diferentes a situação social das mulheres de sua época.

Ricardo e Margarida

Apesar do título do conto indicar apenas um casal, há sete personagens: Ricardo, seu pai e sua mãe, Margarida, Francisco, seu irmão, e o pai e a mãe de Margarida. A narrativa é dividida em três partes, que reproduziremos aqui com imagens das páginas do periódico.

Imagem 1- Página do *Íris*, p. 208, Tomo I.

Fonte: *ÍRIS*, 1848, p. 208.

Imagem 2- Página do *Íris*, p. 209, Tomo I.

Fonte: *ÍRIS*, 1848, p. 209.

Imagem 3- Página do *Íris*, p. 210, Tomo I.

Fonte: *ÍRIS*, 1848, p. 210.

Na primeira parte, temos uma cena na qual estão Ricardo e seu pai conversando. O jovem está se preparando para ir visitar seu amigo Francisco, o qual está estudando na capital

e por ocasião de um recesso iria, de visita, à cidade antes de voltar para Lisboa. Quando Ricardo conta essa notícia a seu pai, este começa a elogiar a família de Francisco e a dizer que é uma das mais honradas da cidade e que também está pensando em pedir a mão da irmã do rapaz, Margarida, para que o filho a desposasse. Ricardo fica feliz, pois ele considera Margarida a moça mais bonita que já vira. Para seu pai, o que interessava era o dote e a situação econômica e social da família da moça.

Neste ponto, vemos o primeiro argumento misógino do texto aliado a uma crítica da valorização do patrimônio sobre o sentimento, pois não era permitido, à mulher, escolher o seu marido, devendo casar-se com aquele que o pai arranjasse e, muitas vezes, o moço não escolhia a moça por amor, mas sim pelo dote que a família lhe dava, deixando para um momento posterior a observação das possíveis qualidades da jovem. No caso dos personagens desse conto, quem estava se importando com o dote era o pai, e não o filho.

A primeira parte corrobora com a visão oitocentista apresentada previamente por Mariano (2015) e Ramos (2013) a cerca do papel da mulher na sociedade. Temos através da visão do Pai de Ricardo as virtudes que faziam de Margarida um bom partido, acima de tudo um dote, o valor financeiro que a família do noivo receberia em troca da noiva, era para o pai de Ricardo ponto definidor para a decisão de pedi-la em casamento para o filho. O ato atesta a visão da mulher como mercadoria, como ser dependente, não visto pela sociedade como ser independente mais como um agregado familiar que passa da responsabilidade do pai para a do marido, e que este, deveria receber para tê-la como uma forma de agradecimento, ou pagamento, por parte da família ao passar adiante a tutela daquele indivíduo.

A segunda visão de Margarida, a partir do pai de Ricardo, que nos é apresentada é de atributos periféricos que compõe o conjunto que fazem dela um bom partido, pertencer a uma boa família, sua imagem está diretamente ligada à imagem que a família dela passa, excluindo toda a individualidade da personagem e transferindo seus aspectos individuais ao círculo, no qual se encontra inserida. Nesse ponto é mencionado que a moça possui uma boa educação, fica a incógnita no conto: que educação seria essa? Sendo ela a educação familiar, segue a visão de que as mulheres eram educadas para desempenhar sua função biológica de mãe e social de esposa. Do contrário, uma quebra das muitas exceções, onde o estudo da mulher ocorre no âmbito informal e muitas vezes familiar e se dá para que ela desempenhe seu papel de mãe e esposa com maior desenvoltura.

A segunda parte do texto começa com uma cena em que Ricardo está lendo um jornal e desmaia. Logo que ele desfalece, seu pai procura o que causara tal mal a seu filho e encontra a notícia de que Francisco, irmão de Margarida, estava preso por ter matado uma família inteira. O pai de Ricardo proíbe-o de ver Margarida e diz que não vai mais pedir a mão da moça para seu filho. Ricardo, já desperto, tenta argumentar que a moça e seus pais não têm nada a ver com o que Francisco fizera, mas o pai rebate dizendo que toda a família fica desonrada com isso. A mãe, obediente, aconselha Ricardo a não contrariar o pai.

Aqui podemos perceber que um ato alheio à moça, Margarida, a tornou uma “desonrada”, pois as atitudes dos homens da família recaíam sobre a mulher. No caso de Margarida, ela e sua família passaram a ser vistas como assassinas por causa da ação de seu irmão. Nesse ponto, podemos ver a total falta de independência que a mulher tinha naquele período, pois a sociedade não via a mulher por si só, mas como alguém “governada” pelo homem, ou seja, esta era julgada pelo caráter de seu pai, esposo, filho ou irmão. Às vezes, a atitude de um homem acabava com honra de toda a família. Logo, temos na segunda parte uma visão do controle patriarcal exercido pelo homem dentro da sociedade, tendo controle absoluto sobre a vida da mulher, uma vez que por ações alheias e externas a vontade Margarida, faz-lhe terminar segregada e excluída.

Na terceira e última parte, Ricardo recebeu ordens de seu pai para fazer algo na cidade e nesse caminho ele tem de passar por Lisboa. Quando ele está retornando para casa, passando novamente pela capital, ele se depara com uma multidão indo no sentido contrário ao dele. Mecanicamente ele acompanha a multidão para saber o porquê de tamanha algazarra. Quando chega ao centro de tudo, vê um homem pendurado na forca e reconhece nele seu antigo amigo Francisco. Agora, apesar da proibição de seu pai, vai em busca de notícias de Margarida. Ao chegar à casa dela, descobre que os pais da moça haviam morrido. Quando avista a jovem e chama por ela, esta apenas grita pelo nome do irmão, sai correndo e desaparece. O conto termina com o narrador informando que ela perdera o siso, ou seja, perdera o juízo, enlouquecera. Quanto a isso, cabe uma reflexão a cerca do papel da loucura em personagens femininas, olhando para esse campo, Cíntia Schwantes (2005) afirma que

as mulheres loucas tornaram-se personagens presentes na literatura desde o séc. XVIII, em diferentes perspectivas. A ficção de mulheres, e principalmente a partir do final do séc. XIX, vai tratar do tema da loucura de forma empática, inclusive dando voz a personagens loucas e mesmo usando-as como protagonistas. Essas personagens habitam duplamente as margens:

tanto por serem mulheres, quanto por serem loucas. Dessa forma, elas ocupam, de forma cabal, o lugar do Outro. Espaço de reflexão do Mesmo, as mulheres loucas da literatura talvez prefigurem o cansaço de algumas das estruturas sociais vigentes.

De modo que é, no mínimo, curiosa a maneira como o conto aborda a questão da loucura, a perda de juízo por parte de Margarida não representa um protagonismo ou papel de fala, mas sim um silenciamento de sua voz. A loucura cala a personagem, excluindo-a das responsabilidades e do convívio social, uma vez que o louco não tem um papel a exercer dentro da sociedade. Podemos perceber, no entanto, que em sua loucura, ao ver Ricardo, Margarida berra o nome do irmão, Francisco, responsável por sua loucura e sofrimento, num claro ato de “lucidez” frente ao seu estado e de crítica, por parte da autora, sobre o derradeiro culpado dos sofrimentos de Margarida, ao dar voz à personagem que aponta o dito responsável.

Nesse ponto do texto, Ricardo faz a observação de que, sozinha no mundo, Margarida nada poderia fazer e seria esquecida pela sociedade, além de carregar pelo resto da vida os atos de seu irmão. Por esse motivo, havia perdido o juízo. Então vemos que, mesmo sem ser responsável por sua situação, Margarida agora se tornara a excluída da sociedade e, sozinha, sem um homem para cuidar dela, definharia enlouquecida.

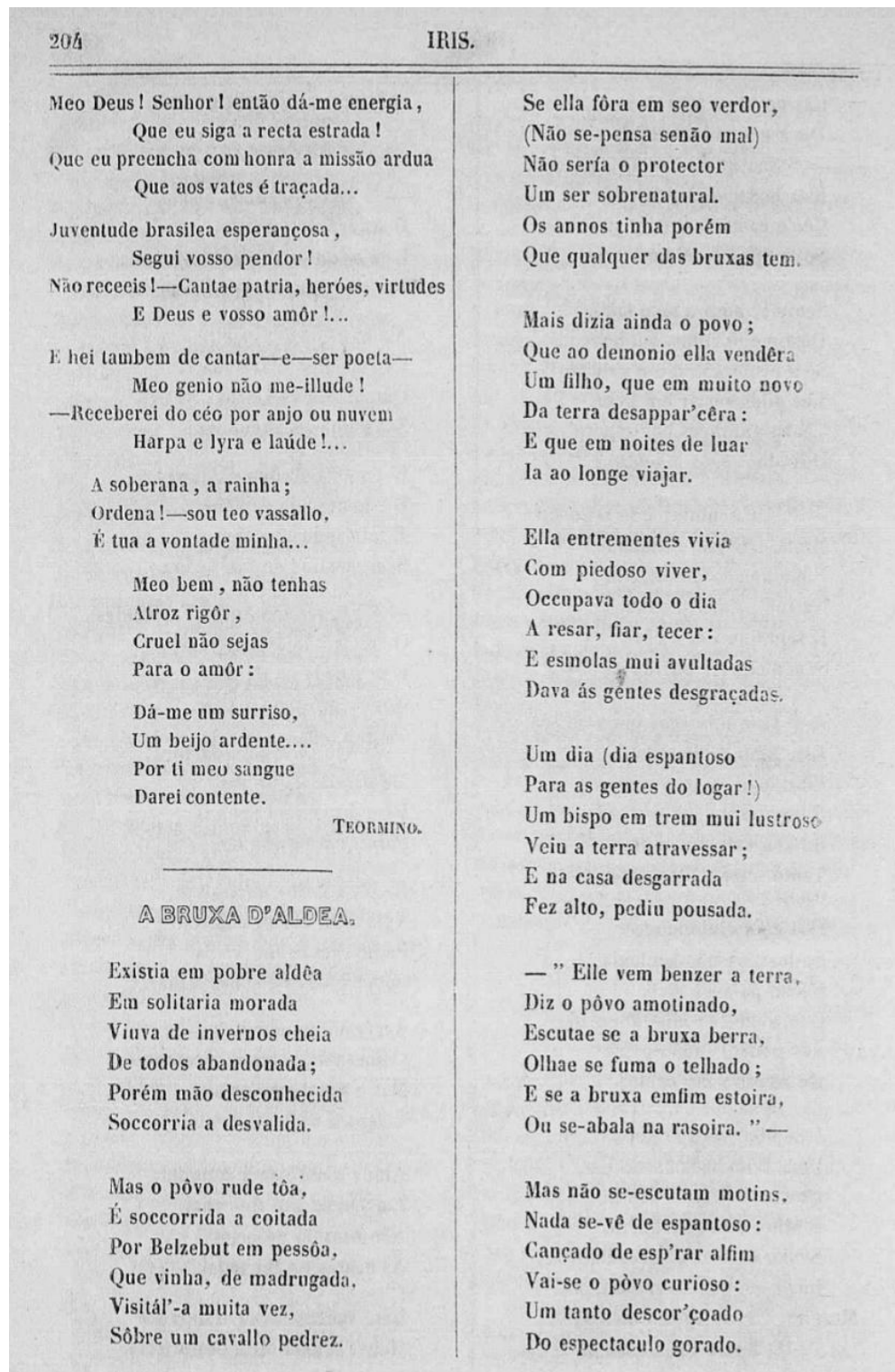
A visão que nos é apresentada de duas outras mulheres no conto, as mães de Ricardo e de Margarida. Com uma visão estreita em similaridades, nos é mostrado, que as duas personagens uma mulher, conformadas com seu papel familiar, são submissas às vontades dos maridos e zelosas pelos filhos que carregaram, a visão recorrente da mulher como mãe. Temos no conto duas posições interessantes para análise, a primeira delas é a tomada pela mãe de Ricardo, ao defendê-lo do pai em forma privada, alegando que irá advogar em sua causa. Isso leva a um aspecto que ela desempenha mais o papel de mãe do que o de esposa, ainda assim estando mais inclinada às vontades de um homem do que às suas.

Temos também a visão da mãe de Margarida, que morre de desgosto, amaldiçoando o ventre que concebeu Francisco. Aqui temos a máxima do patriarcado, quando temos a morte de uma mulher sentenciada pelas ações de um homem, embora não fique claro esse ponto no texto, fica subentendido que a morte dela se deu em decorrência das ações de Francisco, sendo assim um silenciamento de sua vontade, de sua vida, por intermédio dos atos masculinos.

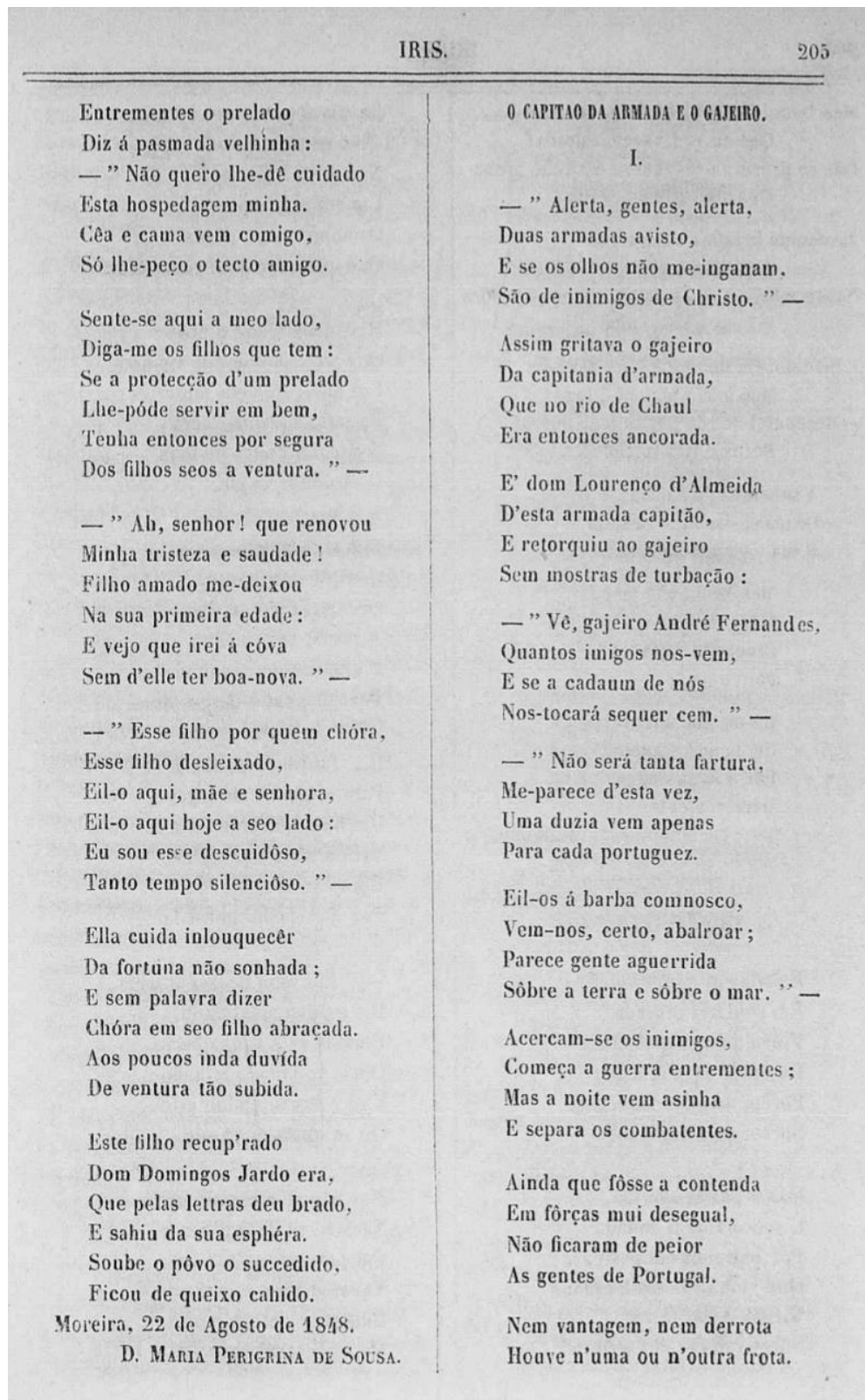
Podemos ver nesse texto que os padrões da sociedade à época eram julgados pelas atitudes dos homens da família, e que a mulher não tinha o direito de ter o seu próprio caráter. Desse modo, se o homem não fosse bom e honrado, a sociedade iria dizer que a sua mulher e suas filhas também não o eram.

A Bruxa D’Aldeia

Esse texto é uma narrativa escrita em versos, normalmente retirado da tradição oral popular, que leva o nome de chácara. Como feito anteriormente, reproduziremos as páginas do periódico. São três personagens: uma senhora que é chamada de Bruxa, os moradores da Aldeia, que funcionam na história como um personagem único representando a visão da sociedade, e um padre, que aparece ao final.

Imagem 4- Página do *Íris*, p. 204, Tomo II.

Fonte: *ÍRIS*, 1849, p. 204.

Imagem 5- Página do *Íris*, p. 205, Tomo II.

Fonte: *ÍRIS*, 1849, p. 204.

A narrativa se passa numa pequena aldeia e conta a história de uma mulher já envelhecida que vivia sozinha e afastada dos demais moradores. Ela, sempre que conseguia, socorria as desvalidas, as jovens grávidas pobres, da forma que podia e atuava como parteira do vilarejo. Sabe-se que ela também tivera um filho, mas este desaparecera logo na primeira idade. Por esses motivos, os moradores daquela aldeia diziam que essa mulher era uma bruxa sustentada por Belzebu em pessoa e que o filho que sumira havia sido vendido ao demônio. Ou seja, as ações da personagem, por melhores que fossem, não seriam capazes de romper com o preconceito contra mulheres que viviam de maneira independente, sem a companhia ou o governo de um homem.

Um dia, chega à aldeia um bispo e vai pedir abrigo justamente na casa da idosa. Os moradores acham que é para benzer a velha bruxa e ficam esperando pelos berros provenientes dela, imagina-se algum exorcismo. Como não ouvem nada, aproximam-se da casa para saber o que estaria acontecendo e descobrem que aquele bispo que chegara à aldeia era o filho desaparecido da velha mulher.

No decorrer da narrativa, podemos perceber como uma mulher sozinha era mal vista na sociedade daquela época, principalmente se ela mantivesse um bom padrão de vida, logo começavam a vê-la como bruxa ou como prostituta. Podemos observar na chácara que mesmo a personagem ajudando pessoas necessitadas, a sociedade daquela aldeia não parava de recriminá-la por ser sozinha e por seu filho, o único homem que poderia “trazer” honra para a casa dela, ter desaparecido. Para os moradores da vila, só importava que ela não tinha uma figura masculina em sua vida, situação que muda com a chegada do bispo que se revelou o filho desaparecido da velha, destruindo a possível associação entre esta e forças demoníacas.

Cabe aqui uma reflexão sobre o modo como a autora aborda a quebra das suspeitas de bruxaria que recaíam sobre a velha. Essa ruptura ocorre com a chegada de seu filho, padre, apresentando um contraste com a ideia de igreja que muitas vezes é a responsável por condenar a mulher como bruxa. Visto que era comum que a igreja fosse a ferramenta de silenciamento da voz feminina em casos de bruxaria e, historicamente, a caça as bruxas representa o maior de todos esses atos de silenciamento. Era a igreja que transferia e atribuía papéis de pecadora e subserviência à mulher, seja na forma do pecado original, ou em versículos que atestam que a mulher deveria ser submissa ao homem, como podemos observar em:

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos. (BÍBLIA, Efésios, 5, 22-24).

Na chácara, a mesma igreja que é responsável pela difusão da ideia da mulher como seduzida pelo diabo e, portanto, bruxa, é a responsável por absolvê-la dessa culpa por meio da figura de um filho homem, atestando ter poder quase que absoluto sobre a figura da mulher.

Nos textos dos dois gêneros podemos observar como a mulher do século XIX era tratada e muitas vezes deixada à margem da sociedade por causa da figura masculina ou da ausência de uma. No primeiro conto, vemos a situação de Margarida que, por causa de uma ação de seu irmão, perde o *status* de moça honrada e deixa de ser vista como um bom partido para o casamento e, ao sofrer com as perdas, de seu irmão e, posteriormente, de seu pai e de sua mãe, fica sozinha no mundo, isto é, por sua própria conta, em uma sociedade que não a via com bons olhos por causa das atitudes de seu irmão. Assim, como forma de escape, ela enlouquece para fugir de um mundo no qual não tem mais lugar.

Já na segunda narrativa, temos o caso de uma mulher viúva e envelhecida que, por viver sozinha, de maneira independente e por seu único filho ter desaparecido, foi colocada à margem da comunidade e passou a ser recriminada e tratada como bruxa, sofrendo com o desprezo de seus vizinhos e só alcança a redenção, na visão da população de sua vila, quando um homem, seu filho que tinha sido dado como morto, aparece e assume a responsabilidade por ela. Em ambos os textos podemos perceber a visão e o comportamento das pessoas, daquela época, em relação as mulheres e como estas eram reprimidas e tratadas como dependentes da figura do homem e por essa imagem deveriam ser governadas.

Considerações finais

Por meio deste artigo, buscou-se uma contribuição para a redescoberta e a análise da produção literária feminina dispersa pela imprensa periódica em língua portuguesa e para os estudos das relações luso-brasileiras, da história da imprensa periódica.

Constatou-se que a vinda de José Feliciano de Castilho para o Brasil e o seu trabalho aqui foram de grande importância para o desenvolvimento cultural e literário brasileiro. Além de fortalecer o papel das referências e das traduções dos grandes clássicos no meio cultural,

buscou-se manter uma ligação entre a produção literária dos dois países que estavam separados politicamente havia pouco tempo.

Percebemos também que o *Íris*, apesar de seu pouco tempo de publicação, um ano e meio, foi capaz de cumprir o propósito do seu editor, unir Brasil e Portugal literária e culturalmente. Por meio das páginas desse periódico, José Feliciano de Castilho conseguiu apresentar a cultura de Portugal ao Brasil, e a do Brasil a Portugal, além dos trabalhos com a cultura clássica, que serviram de base para diversos escritores brasileiros. Fundamental, ainda, foi dar voz à escrita de mulheres, sobretudo numa sociedade que não valorizava ou incentivava a intelectualidade feminina.

Com esse pano de fundo, Peregrina torna-se uma das precursoras do conto no Brasil, publicando suas narrativas numa época em que o modelo estava se desenvolvendo por aqui. O mais importante, contudo, foi revelar que, apesar de todas as repressões que as mulheres sofreram, pouco a pouco elas foram conquistando o seu espaço no campo literário e se tornaram colaboradoras importantes e que as páginas dos periódicos oitocentistas foram de grande relevância para esse ganho de espaço. Afirmamos isso a partir do material biográfico que conseguimos acessar sobre Maria Peregrina de Sousa e da leitura da obra dessa escritora portuguesa que muito se destacou, nos dois lados do Atlântico, nas páginas de periódicos e revistas literárias do século XIX.

Ao analisar dois textos de Peregrina, notamos que a autora, como mulher, tem uma forma própria de descrever suas heroínas e apresentá-las como eram vistas no cotidiano da sociedade oitocentista, mostrando a realidade feminina por meio das complicações a que as personagens de suas narrativas estavam submetidas. Através dessas histórias, temos uma ideia de como a sociedade via as mulheres independentes e como as colocava à margem. Dessa forma, Maria Peregrina de Sousa conseguiu fazer uma crítica implícita à maneira como a sociedade tratava as mulheres de sua época.

Acreditamos que, apesar de ainda precisar de maiores estudos, os periódicos tiveram grande importância para o desenvolvimento literário do Brasil, sobretudo se destacarmos casos pioneiros como o de Maria Peregrina de Sousa. É necessário, ainda, levantar a produção de outras escritoras, brasileiras e portuguesas, que espalharam suas produções pelas páginas da imprensa periódica ao longo do século XIX para darmos voz às mulheres, que, com raras exceções como a autora que ora analisamos, foram, por muitos e muitos anos, caladas na

literatura e na sociedade, mas que tiveram papel importante na construção de mentalidades e na luta contra a misoginia.

Referências

- ANASTÁCIO, Vanda. "Mulheres varonis e interesses domésticos": reflexões acerca do discurso produzido pela história literária acerca das mulheres escritoras da viragem do século XVIII para o século XIX. In.: **Colóquio literatura e história: para uma prática interdisciplinar**. Lisboa: Universidade Aberta, 2005, p. 427-445.
- BÍBLIA. Novo testamento. **Efésios**: os deveres domésticos (5.22-24). Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- CATANELI, Aline Cristina de Oliveira. O caráter fronteiriço da crônica oitocentista: jornalismo e literatura nas crônicas de machado de assis publicadas *N`o futuro* (1862-1863). **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 05, n.º 01, jan./jul, 2013. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/index/literatura/ano/2013>. Acesso em: 22 ago. 2018.
- COMANDULLI, Ana Cristina. Maria Peregrina de Sousa (1809-1894). *Convergência Lusíada* n. 32, jul./dez. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2014.
- CRUZ, Carlos Eduardo Soares da. **Felicidade pela Imprensa**: Romantismo na Revista Universal Lisbonensed de A. F. de Castilho (1842-1845). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF, Niterói, 2013.
- _____. Imprensa luso-brasileira no Rio de Janeiro oitocentista. In: CRUZ, Eduardo da; FERREIRA, Tania M. Bessone da Cruz (orgs.). **No Giro do Mundo**. v. II. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2014.
- IRIS: periódico de religião, belas-artes, sciencias, letras, historia, poesia, romance, noticias e variedades. Rio de Janeiro: Typographia do Iris, 1848-1849.
- LEIROS, Ricardo Augusto da Costa. Aos Leitores do Iris. In: **IRIS. Periódico de religião, belas-artes, sciencias, letras, historia, poesia, romance, noticias e variedades**. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia do Iris, 1849, p. 288.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. Introdução. in: _____(seleção). **Os Precursores do Conto no Brasil**. Panorama do Conto Brasileiro vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.
- LOPES, Helio. **A Divisão das Águas**: contribuição ao estudo das revistas românticas. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.
- MARIANO, Juliana de Souza. **A personagem feminina nos romances de Maria Peregrina de Sousa**: ambiguidades e dualidades. 2015. 128f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2ª ed., 2013.

- RAMOS, Márcia André; WELZ, Rakel A.; PELOSI, Talitta; COQUEIRO, Wilma dos Santos. A Inserção Feminina na Sociedade Burguesa do Século XIX: uma leitura do romance *Diva*, de José de Alencar. In: **V Encontro Interdisciplinar de Educação**. Universidade Estadual do Paraná: Junho, 2013. Disponível em: http://www.fecilcam.br/anais/v_enieduc/data/uploads/letras/trabscompletos/let075696449051.pdf. Acesso em 24 jan. 2018.
- RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Algumas reflexões sobre a educação das mulheres no século XIX. **Revista Nuances** – Valli – set. 1996.
- SCHWANTES, Cíntia. **A voz da louca, a voz da outra**. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys8/literatura/cintia.htm>. Acesso em 24 de janeiro de 2018.
- SILVA, Fabio Mario da. Notas de reflexão em torno da escrita das mulheres, antes do século XX, na literatura portuguesa. **Odisseia**, Natal, RN, n. 13, 2014. p. 18-29. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/issue/view/544>. Acesso em: 25 mar. 2018.
- SOUSA, Maria Peregrina de. A bruxa d’Aldeia. In: **IRIS**. Periódico de religião, belas-artes, ciencias, letras, historia, poesia, romance, noticias e variedades. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia do Iris, 1849. p. 204-205.
- _____. Ricardo e Margarida. In: **IRIS**. Periódico de religião, belas-artes, ciencias, letras, historia, poesia, romance, noticias e variedades. Tomo I. Rio de Janeiro: Typographia do Iris, 1848. p. 208-210.
- _____. Bathilde. In: **IRIS**. Periódico de religião, belas-artes, ciencias, letras, historia, poesia, romance, noticias e variedades. Tomo I. Rio de Janeiro: Typographia do Iris, 1848, p. 225-230.
- VAQUINHAS, Irene. **Nem gatas borralheiras, nem bonecas de luxo**. As mulheres portuguesas sob o olhar da História (séculos XIX-XX). Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- VIEIRA, Brunno V. G. José Feliciano de Castilho e a Clâmide Romana de Machado de Assis. In: **Machado de Assis em linha**. Ano 2, n. 4, dez. 2009.

Resumo: O objetivo do presente artigo foi analisar um periódico luso-brasileiro do século XIX identificando o modo como eram vistas as culturas, brasileira e portuguesa, de seu tempo. Fez-se uma pesquisa por meio do acesso ao material existente no Real Gabinete Português de Leitura e ao periódico *Íris*. Foi feita uma catalogação da produção literária encontrada nessa revista, pesquisa e leitura de crítica existente sobre esses colaboradores, dando maior atenção à produção feminina. Para tal, escolhemos a autora Maria Peregrina de Souza, para estudarmos um pouco mais acerca dela e de sua produção. Tratamos da questão da mulher na sociedade e na literatura do século XIX, bem como de algumas informações sobre a vida de Maria Peregrina. Recolhemos dois textos, *Ricardo e Margarida* e *A Bruxa D’Aldeia*, para analisarmos, de modo a identificar a situação da mulher a partir da ótica feminina. Para concluir, apresentamos as nossas considerações finais.

Palavras-chaves: *Íris*. Maria Peregrina de Souza. Mulher.

Abstract: The aim of this article was to analyze a Portuguese-Brazilian journal of the 19th century, identifying the way Brazilian and Portuguese cultures of the time were viewed. A research was made through the access to the material in Real Gabinete Português de Leitura and the journal *Íris*. A cataloging of the literary production found in this magazine was made, as well as research and reading of existing critique on these collaborators, giving more attention to the feminine production. For this, we choose the author Maria Peregrina de Souza, to study a little more about her and her production. We deal with the issue of women in the society and literature of the nineteenth century, as well as some information about the life of Maria Peregrina. We collected two texts, *Ricardo e Margarida* and *A Bruxa D'Aldeia*, to analyze, in order to identify the situation of women from the feminine point of view. To conclude, we present our final considerations.

Keywords: *Íris*. Maria Peregrina de Souza. Woman.

Recebido em: 25/6/2020.

Aceito em: 29/11/2020.